



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PROGRAMA DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS EM ECONOMIA POLÍTICA

Conjuntura Econômica do Brasil
Evolução da economia brasileira
Maio de 2004

Anita Kon

No início do mês de Maio, as sinalizações do FED dos Estados Unidos de que poderia começar a elevar as taxas de juros que haviam se mantido em 1%, paralelamente à divulgação de dados sobre emprego que mostraram uma criação de vagas acima do estimado pelos analistas e que a economia do país está mais aquecida, e a elevação do preço do petróleo, os mercados financeiros internacionais viveram dias de tensão e se preocuparam, tentando proteger-se dos riscos. Esta situação repercutiu no risco-país brasileiro, que se elevou em 5,4% o dólar subiu 2,1% e foi a R\$ 3,062 e a Bolsa caiu 2,97% e encerrou a quinta semana seguida com perdas. Estas turbulências enfrentadas pelo mercado financeiro custaram ainda R\$ 10 bilhões ao Brasil, devido ao impacto da alta do dólar sobre a dívida pública.

O endividamento público subiu consideravelmente e o governo brasileiro partiu para um aperto fiscal recorde para ajudar reduzir a dívida. O endividamento de União, Estados, municípios e estatais somou R\$ 926,4 bilhões, o que equivale a 56,6% do PIB (Produto Interno Bruto). Em março, essa proporção estava em 57,3%.

Uma notícia favorável foi que a economia brasileira, nos três primeiros meses deste ano, cresceu 1,6% em relação ao último trimestre do ano passado, o maior crescimento trimestral nessa forma de comparação desde o quarto trimestre de 1999. Na comparação com o mesmo trimestre do ano anterior, o Produto Interno Bruto brasileiro cresceu 2,7%, a maior taxa nessa forma de comparação desde os 3,9% do quarto trimestre de 2002. Mas este avanço trimestral não impediu que a taxa de crescimento acumulada em 12 meses ficasse em zero. Esta expansão do PIB está inserida num contexto internacional de aquecimento econômico, porém é inferior ao crescimento registrado por economias, como China, México e Chile.

A inflação brasileira medida pelo Índice Geral de Preços (IGP-10) subiu acima do esperado no país e em São Paulo ficou em 0,39% em maio. No entanto as previsões do Índice de Preços ao Consumidor Amplo-15 são de alta de 0,5% no próximo mês, pressionada pela alta do dólar (7,9%), dos alimentos e dos combustíveis. A alta do dólar, além de aquecer ainda mais os preços do petróleo (produto parcialmente importado), também começa a influenciar o custo de eletroeletrônicos e eletrodomésticos.

No mercado de trabalho a expectativa de melhora da economia e a redução do rendimento, levaram mais pessoas da família a buscar emprego, o que resultou para a alta do desemprego e para a alta de postos informais. No entanto, alguns ramos da indústria e do comércio criaram vagas formais (em torno de 535 mil entre janeiro e abril). No entanto este aumento não foi suficiente para as necessidades do país e o desemprego se elevou para uma taxa de 13,1% em abril (subindo 8,3%), a renda, que havia crescido por três meses

consecutivos, voltou a cair e a informalidade cresceu. Alguns analistas defendem a idéia de que o mercado de trabalho melhorou em 2004, e já a partir de abril a massa de salários voltou a crescer e o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, órgão ligado ao Ministério do Planejamento, projeta um aumento de 2,8% no número de pessoas empregadas, se o PIB suba 3,5% neste ano.

Internamente, um dos setores que mais geram empregos no país, a construção civil, perdeu seu potencial de criar empregos, devido ao aumento de produtividade da mão-de-obra, novas tecnologias, baixo investimento em infra-estrutura e expansão da terceirização, além do fato de que o setor tem sofrido severamente os reflexos da conjuntura econômica do país, com juros altos, renda em queda, demanda interna deprimida e restrição no crédito.

Com relação à Balança comercial, as importações crescem num ritmo maior do que as exportações em Abril, mas assim mesmo o superávit acumulado no ano está em US\$ 9,923 bilhões. Desde o início do ano, as vendas para o exterior cresceram 30,56% e as compras, 23,32%. Por outro lado, a soja, produto relevante na pauta de exportação brasileira, sofreu queda de 18% nos preços nos últimos 2 meses na bolsa de Chicago, trazendo perdas de até R\$ 14,4 bilhões para o país. Especialistas acreditam que a queda no preço do produto é reflexo do fato da China ter recusado as cargas alegando venda de sementes como se fossem grãos e utilização de agrotóxicos (fato não comprovado nas análises), culminando com a suspensão das importações de algumas empresas.

No entanto, em Washington, nova rodada de discussões entre Brasil e EUA para a criação da ALCA (Área de Livre Comércio das Américas) em janeiro de 2005 teve outro fracasso, pois os Estados Unidos comunicaram ao Brasil que vários de seus produtos agrícolas correm o risco de não terem acesso livre (tarifa zero) ao mercado americano.

O Comitê de Política Monetária manteve os juros básicos da economia em razão da volatilidade recente nos mercados mundiais, desde que o país ainda é vulnerável aos efeitos da turbulência que atinge estes mercados. Isto causou efeitos negativos que se associaram ao cenário externo desfavorável, com a queda das Bolsas na Europa; com isto o risco-país dos principais emergentes (entre eles o do Brasil) subiu. As taxas médias dos contratos bancários, que são importantes para as empresas planejarem seus investimentos, se elevaram de 17,05% para 17,76% anuais.

Finalmente, devido à instabilidade do mercado financeiro, no país e no exterior, fez com que, no mês de abril, o fluxo de investimento estrangeiro direto para o Brasil se reduzisse em 46%. Porém, apesar da continuação da instabilidade, as expectativas de aumento da produção industrial e do consumo se elevaram e as previsões de início de recuperação voltaram a estar presentes nas análises dos empresários.

EITT/PUCSP - Grupo de Pesquisas em Economia Industrial, Trabalho e Tecnologia
GEMPA -Grupo de Estudos Metodológicos de Pesquisa Aplicada
Contatos: anitakon@pucsp.br; nc@pucsp.br

São Paulo/Brasil